

BRASIL - PORTUGAL

16 DE MAIO DE 1907

N.º 200

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjô.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14, 3.º
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

BATALHA DE FLORES



FLORES... DA BATALHA

VIDA ELEGANTE

Tres casamentos na quinzena.

Um nos Martyres com a presença de monsenhor Julio Tonli, Nuncio Apostolico, que lançou a benção papal aos nubentes depois de dizer missa: a sr.^a D. Clara Montalvão (Macuriges) com o sr. conde Deym, secretario da legação de Austria.

Outro foi em S. Domingos de Bemfica. Nubentes — a sr.^a D. Luiza Maria Mascarenhas, neta do fallecido general D. Carlos de Mascarenhas, e o sr. José de Laboreiro de Villa Lobos Fiuza.

Publicamos alguns instantaneos das duas cerimoniaes.

Ligaram-se tambem pelos laços da igreja a sr.^a D. Maria Isabel de Mello (Murça) e o sr. José Martins de Barros, lavrador conceituado na Azambuja.

Venturas aos seis recém-casados vaticina o *Brasil-Portugal*.

EM EVIDENCIA



D. Maria de Gencastre Vaz-Zeller

(Cliché Vidal & Poncea)

Um perfil é sempre uma banalidade.

Diz-se raras vezes o que se sente e, muitas vezes, se escreve o que não se pensa.

Tem em geral o mesmo feitiço elogioso e terno, a mesma fórma de admiração procurada, o mesmo entusiasmo e a mesma mentira...

Quem escreve um perfil não retrata qualidades, porque descreve simplesmente phantasias.

Todas as mulheres na simplicidade apparente de um perfil, são formosas, tem bom coração, e apreciaveis qualidades.

Eu detesto o perfil e tenho agora o agradável dever de retratar simplesmente uma senhora que, pela sua elegancia e pelo seu finissimo espirito, tem um logar marcante na sociedade portugueza.

Não minha querida senhora, eu não farei o seu perfil!

Poderia dizer-lhe maravilhas dos seus olhos — que são na realidade lindos — exaltar-lhe a côr profunda dos cabelos; a elegancia vaporosa do seu corpo flexivel e ondulante, ou ainda enaltecer-lhe — a phrase é tão vulgar — as adorabilissimas qualidades do seu bello coração. Não, minha senhora repito, não lhe falarei dos olhos — e

torno a falar d'elles — é que são adoraveis! rasgadas janellas d'alma onde o coração se debruça mansamente — e, direi apenas que á sua belleza, ao seu espirito, vossellencia traz suavemente acorrentado esse lindo sorriso — que faz alvorecer uma clara fieira de perolas — a dizer sempre a sua grande qualidade: a adorabilissima bondade do seu coração.

SILVIO.

EM FÓCO



Antonio d'Oliveira Soares

Veu de Coimbra com os Nephelibatas, passou pelo Chiado, demorou-se um pouco á porta do antigo Gomes, e partiu para a Europa.

Intelligente e intransigente em opiniões e *toilettes*, o Chiado não era o seu meio, embora Coimbra fosse o seu principio e a Europa o seu fim. Como poeta, o Chiado discutiu o seu livro de versos com má vontade. Como diplomata, o Chiado discute as suas sobrecasacas com azedume.

Elle, em boa verdade, tanto se lhe dá como se lhe deu. Natureza combativa, até sente prazer em arcar com os rugidos da critica affacinha, de resto inoffensiva e burgueza, feita de *entre-flets* alegres e de pedrinhas amenas.

Tinha a escola litteraria em que se filiou o lemma *Para raros apenas*. Elle seguiu-o na poesia e segue-o na vida. Vive para raros apenas, quer esteja em Lisboa, quer em Roma, quer no Rio de Janeiro, quer em Bruxellas. E esses raros estimam-o e admiram-o, porque esse conselheiro de legação apumado, engommado e impeccavel, que ás vezes sóbe triumphalmente o Chiado, é — pasmae, oh porta do Monaco! — um bom rapaz, um espirito culto e um funcionario distincto.

N. N.



Paraiso perdido

Tombou da haste a flôr da minha infancia alada,
Murchou na jarra d'oiro o púdicó jasmim...
Voou aos altos céus a pomba immaculada
Que dantes estendia as azas sobre mim.

Julguei que fosse eterna a luz dessa alvorada
E que era sempre dia, e nunca tinha fim
Essa visão de luar que vivia encantada,
Num castello ideal com torres de marfim!

Mas, hoje, as pombas de oiro, aves da minha infancia
Que me enchiam de luz o coração, outrora,
Partiram, e no azul evolvam-se, a distancia!

Debalde, clamo e choro, erguendo ao céu meus ais:
... Voltam na aza do vento os ais que a alma chora,
Ellas, porém, Senhor! ellas não voltam mais...

Antonio Nobre.

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

XXVI

Receita para fazer uma chronica.— Difficultades da confecção.— O caso de um homem que faz perdiz com molho villão. . sem perdiz.— Recomposição ministerial.— Entram para o ministerio tres jurisconsultos.— Ah! vem a dictadura.— O «Gabinete Negro». — Uma chuva de querellas.— O «Mensageiro do Coração de Jesus» e os «Espectros» — Como a justiça perseguirá os espectros.— Intervenção do sr. Fernando de Lacerda, secretario dos espiritos.— O tempo.

Se alguém tivesse de escrever a receita para fazer uma Chronica, obedecendo á regra geral, teria que dizer: «Tomae quatro folhas de papel almasso, branco ou azul, pautado ou liso, e collocae-as muito direitas sobre uma pasta que esteja n'uma secretária. Depois, pegae n'uma penna, molhae-a em tinta azul ou preta, e em seguida lançaes ao papel o relato dos acontecimentos. Logo que isto esteja feito, passareis a ler o texto, cortando

VIDA ELEGANTE — Dois casamentos

Em Bemfica



Os noivos: A sr.^a D. Maria Luíza de Mascarenhas e José de Labreiro Finça

aqui, emendando acolá, acrescentando além, virgulando, tendo sempre em vista que tudo deve ser cosido ao fogo muito brando das vossas considerações, a fim de que o esturro da lei de imprensa não estrague o manjar, que em tal caso só vos daria amargos de bocca.

A receita que ahí fica estaria certa, — está mesmo certissima. E quem a lêr ficará absolutamente convencido de que nunca houve cosinhado mais facil de fazer que a Chronica. No entanto será completo erro pensar assim. Lançar ao papel o relato dos acontecimentos é bom de dizer mais nem sempre é bom de fazer. Muitas vezes, como agora, os acontecimentos não se prestam a estas descensfastiadas palestras; outras vezes — e quantas! — nem mesmo se dão occorrencias em taes circumstancias.

Este caso bicudo é analogo ao d'aquelle cosinheiro a quem obrigaram a fazer perdiz com molho villão. . sem perdiz.

O pobre homem fez o refugado com todos os matadores, o bom azeite, a cebola muito picada de mistura com a salsa, a dose precisa de pimenta, sal, noz, o golpe certo de vinagre. Rescendia a caçarola em que a perdiz . . não foi servida, que era um gosto! Levada para a mesa, o gastronomo que exigira o pi'eu manifestou a satisfação da sua pituitaria com exclamações de entusiasmo. E logo se poz a fazer sopinhas no molho — o grande malcreado — e a saborear-as com gula, os olhos em alvo, a bocca arregaçando-se n'um sorriso.

— Que delicia! Que primor!

E voltava a fazer sopinhas, que ia pescando com o garfo e sepepultando na bocca.

— Nunca comi perdiz tão bem feita! Podes lavar dois tentos, F.!

O F. coçava a cabeça e achava extraordinario.

O outro continuava a ensopar pão no molho.

— Está estupendo! Uma maravilha! Dou-te os meus sinceros parabens!

— Muito obrigado a v. ex.^a!

— Não tens de que . . .

Fez uma pausa, ageitou o guardanapo, puxou para a frente a caçarola, pegou no garfo e na faca e ia a metel-os no cheiroso recipiente, quando deu um pulo, como menino que tivesse visto o papão.

— Esta, agora! . . . O F., onde está a perdiz?

— Eu não sei, meu senhor. . .

— Não sabes?! Pois tu cosinhaste a perdiz e não sabes d'ella?! . . .

— Mas eu não cosinhei perdiz alguma. . .

— Então isto não é perdiz com molho villão?



Vida elegante — Um casamento em Bemfica

Sr.^{as}: D. Carlota de Mascarenhas — D. Maria de Lencastre e Tavora — e os sr.^s marquez de Avila — D. José de Mascarenhas (filho) e seu irmão D. Carlos — D. João de Lencastre e Tavora — Jeronymo Castro — Gastão Lapa

— Não, sr. E' molho villão sem perdiz . . .

— Mas então. . .

— E' que não havia perdiz. . .

— O que? Não havia perdiz? . . . Que pena! Estava. . . tão boa!

Ora vamos lá arranjar este molho villão. . .

O chefe do governo conseguiu recompor o ministerio, apoz treze dias de laboriosas negociações com o seu collega da concentração liberal, a quem pediu instantemente tres correligionarios emprestados para esse effeito, nada conseguindo, por causa de uma coisa que o sr. José Luciano sabe e de que a gente desconfia. Em virtude da opposição tenaz dos elementos progressistas á accitação de pastas, o sr. presidente do conselho recorreu á prata da casa, isto é aos seus correligionarios de verdade, escolhendo tres jurisconsultos que substituem ha dias os antigos ministros dos estrangeiros, fazenda e obras publicas. São elles: o relator da famosa lei de imprensa, que se amesendrou na justiça; o dr. Luciano Monteiro, conhecido advogado, brilhante parlamentar e bom chalaceador, que foi collocado no



Vida elegante — Um casamento em Bemfica

Sr.^{as}: D. Maria do Carmo Andrade d'Almeida Lima — D. Maria Joaquina Saldanha da Gama — D. Maria G. Oom — D. Maria da Cunha Menezes — D. Anna de C. Guimarães — Comendador Almeida Lima

ministerio dos estrangeiros; e um antigo jornalista e tambem advogado, que passa por ser o fornecedor de sociologia do partido franquista, o qual se estabeleceu na fazenda.

Se o governo commetter illegalidades não poderá allegar em sua defeza que o fez por ignorancia. Quem tem em casa tres juriconsultos dos mais cotados tem obrigação de andar por ahi com os olhos vendados, balança n'uma mão, espada na outra... à pancada de cego.

E é naturalmente o que vai succeder. As gazetas politicas annunciam com orgulho uma coisa muito feia e que chamam dictadura, que dizem ser peor que uma camada de bexigas negras. E parece que infelizmente não ha vacina contra a dictadura. Paciencia. Ha de ser o que Deus quizer.

O chamado *Gabinete Negro*, que vem a ser a reunião dos agentes do ministerio publico das diversas varas de Lisboa para a apreciação dos textos dos jornaes publicados durante a semana, continua exercendo as suas funcções com uma regularidade e zelo a que não nos habituaram nos outros ramos do serviço publico. Não se passa terça-feira sem que os jornaes venham peçados de noticias de promoções de querellas pelos motivos mais extraordinarios e incidindo sobre publicações as mais inoffensivas. Imaginem: o *Mensageiro do Coração de Jesus* querellado!



Vida elegante — Um casamento em Bemfica

Sr.^{as}: Marqueta de Fronteira e Alorna — duquesa de Avila e de Bolama — marquesa de Avila e Bolama — D. Carlota Mascarenhas — D. Maria Isabel Laboreira Fiuça — D. Luiza Mascarenhas — viscondessa de Balsemão — D. Maria da Gloria da Cunha e Menezes — D. Maria do Carmo Andrade d'Almeida Lima — D. Maria da Purificação Fiuça — D. Maria Carlota Pereira de Menezes de Lencastre — D. José de Mascarenhas — D. José de Mascarenhas Junior e José Laboreiro Fiuça



Vida elegante — Um casamento em Bemfica

Sr.^{as}: Viscondessa de Balsemão — D. Maria da Penha de Souza Coutinho e Pinto — D. Maria Georgina Almeida Lima Oom — D. Amelia Wanzeller Berguo — D. Cecilia Wanzeller — D. Maria Augusta de Mello Lapa — D. Anna da Fonseca de Castro — D. Anna de Castro Guimarães

Os *Espectros* querellados! Um, por não indicar com precisão o estabelecimento que o imprime; outro, por não esclarecer o orbe sobre o local onde é administrado.

Ora, com franqueza, perseguir o *Mensageiro do Coração de Jesus* e uns tristes *Espectros* por culpas taes, parece-me forte.

E depois, eu não comprehendo como se possa querellar *Espectros*, julgal-os, condemnal-os e cobrar-lhes as multas respectivas. Naturalmente a lei prevê este caso que, é de suppor, virá a ser resolvido por meio de espiritismo. Não é outra coisa; não pôde ser outra coisa.

Convem lembrar que o sr. Fernando de Lacerda, funcionario policial, tem o dom de communicar com os espiritos d'aquelles que foram escriptores portuguezes e é secretario, n'este valle de lagrimas, d'esses espiritos illustres que do Alem lhe dictam artigos, capitulos de romance, cartas.

Herculano, Eça de Queiroz, Camillo, Julio Diniz, tem dictado ultimamente ao sr. Lacerda um sem numero de obras, que até por signal não encontram editor nem á mão de Deus Padre, apesar da sua proveniencia.

Ora quem nos diz que o poder judicial não lançará mão do sr. Lacerda, que de mais a mais é da policia, para exercer a sua acção justiceira sobre algum espectro que escreva chouriço com dois ss ou manteiga com h?

Hum... Esta não é lei a que ninguém escape. E mais nós veremos se as almas penadas recolhem ou vão ao Purgatorio por mandado da Boa-Hora.

Quando nós falamos da inconstancia da mulher attribuindo-lhe o exclusivo d'essa pécha, somos muito injustos! Ora vejamos o Tempo, o grave Tempo, o velho Tempo, esse venerando ancião que é... de todos os tempos!... Está procedendo, este cavalheiro, como um estouvado collegial, incapaz por seus verdes annos e natural falta de reflexão de comprehender a gravidade da sua leviana conducta.

Aqui estou eu, comprometido, vexado ante os meus leitores, a quem saragoçanei, ha quinze dias, calor, claras manhãs e placidas tardes de verão, com a mais profunda convicção, intrujado por meia duzia de dias rasoaveis, nascidos e fallecidos n'uma época em que ser rasoavel não é coisa que immortalise um dia.

Depois d'esta minha leviandade tivemos chuva, humidade, ceu carrancudo, e á hora a que escrevo, meio dia de 10, a ventania é insupportavel, de temporal desfeito.

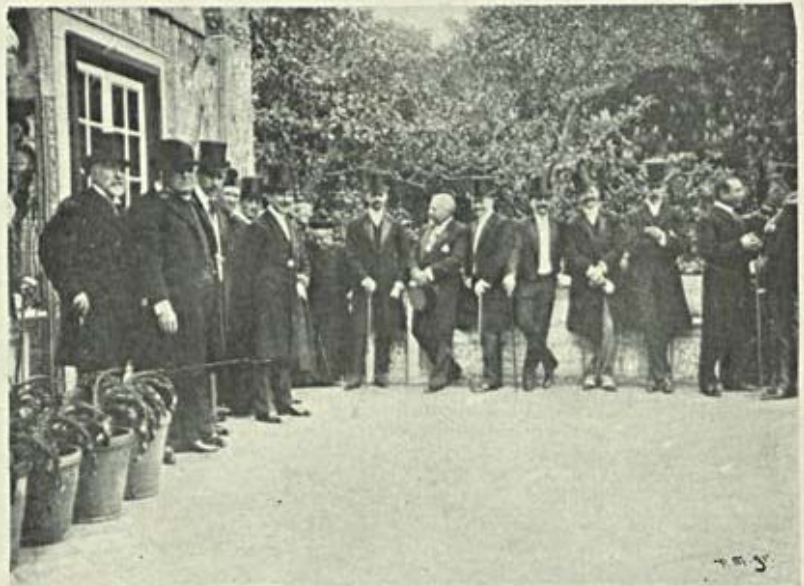
A temperatura desigual tem levado á cama muita gente que confia na folhinha e nas balelas dos poetas, useiros e vezeiros em proclamar a formosura, doçura e mais partes que concorrem em maio, mez das flores,— e que não usam casacão.

O Tempo está de uma inconstancia revoltante. Renegou, positivamente, a honrada tradição da sua pontualidade em ministrar o frio, o calor, a chuva e o bom sol.

Que lhe havemos de fazer? Atural-o — e cara alegre.

Leitor amigo: o outro, ainda arranjou o molho appetitoso. Eu, nem isso. Tem paciencia. Consola-te com a certeza de que se te massaste muito lendo, eu me massei mais escrevendo.

CAMARA LIMA.



Vida elegante — Um casamento em Bemfica

Marqueses do Funchal e de Avila e Bolama — F. J. de Castro — Francisco Fiuça — E. Lapa — D. João de Lencastre de Tavora — Commendador Jorge d'Almeida Lima — Reverendo Santos Fariña — Fernando Ferreira Pinto e Ricardo Ferreira Pinto — Reverendo Antonio d'Azvedo — Reverendo Antonio Gata — Reverendo Damaso Antunes — D. Rodrigo de Souza (Rio Pardo) — Simão Fiuça — Alberto Ferreira Pinto

VIDA ELEGANTE — Dois casamentos

Na igreja dos Martyres



Os noivos: A sr.^a D. Clara Montalvo e o conde Deym. Em roda varias senhoras convidadas

Viagem do Rei de Portugal ao Brasil

Vae dentro em pouco ser uma realidade o ancioso desejo, tantas vezes e por tantas formas manifestado, do povo brasileiro e da vasta população de portuguezes que se espalha pelo Rio de Janeiro e por todo o territorio da Republica.

Ao nobre convite do presidente Affonso Pena annuiu patrioticamente o rei D. Carlos I. E digo patrioticamente, porque a annuencia regia é, antes de tudo, um acto do mais acendrado patriotismo. E' que S. M. prevê e sente que a sua presença na capital brasileira entre os seus compatriotas e os que o estimam tanto como se o fossem, vem avigorar mais ainda, consolidar por uma forma indestructivel a velha amizade que une os dois povos, e que se firma na tradição, nos laços de familia, na raça, no idioma, em todas as relações commerciaes e de interesse commum. Por isso não podem deixar de considerar acima de tudo patriótica a resolução de S. M. os que vejam de alto e de longe todos os grandes problemas de ordem social. N'um outro ponto de vista, por assim dizer individual e subjectivo, a visita de El-rei ao Brasil, deve satisfazer o seu espirito e consolar o seu coração. Vae visitar esse pedaço abençoado do planeta, que a natureza parece ter escolhido para depositario de todas as suas maravilhas.

A sua vista avida de sensações novas, o seu espirito culto preparado para todas as emoções do imprevisito e do desconhecido, vae espraial-os por essas paisagens opulentas de rythmo e de côr, pelas montanhas accidentadas do Corcovado e da Tijuca, por essa bahia formidavel, a mais vasta do globo, pela cidade

engrandecida e alindada por novas e bellas avenidas que a ampliam, que a tonificam, que a tornam uma verdadeira capital moderna, á qual não regateia as suas prodigalidades a mais adiantada civilização.

E a par da sensação produzida por este espectáculo emocionan-

te, aquelles que o monarcha vae ter perto de si, tanto os que formem a sua comitiva como os altos poderes do Estado Brasileiro, como os que na sua passagem o saudem e aclamem, são todos os que falam a sua lingua, os que dispõem do mesmo idioma para traduzirem o mesmo sentimento, o mesmo entusiasmo. E são todos esses, portuguezes e brasileiros, que lhe vão dizer, repassados da mesma hospitalidade e do mesmo affecto. "Senhor, a terra amiga em que nos achaes é o desdobramento da vossa patria. Os portuguezes a fizeram, os portuguezes que n'ella moirejam procuram e encontram o fructo do seu labor, e grande numero d'elles, a realização das suas esperanças. Senhor, vós sois o mais alto representante de Portugal, que vos dignaes vir com a vossa presença estimular os nossos esforços, testemunhar o nosso trabalho, acrisolar o nosso patriotismo, tornar mais proxima e amada de nós todos a nossa querida patria."

E assim, feliz pela resolução que tomou, o rei de Portugal sentirá n'esta viagem um encanto novo, não experimentado ainda em todas aquellas com que a Europa culta tem prestado homenagem á alteza do seu espirito de artista, e da sua categoria social.

Sentirá junto a si corações que não de pulsar com o seu, esperanças que não de fundir-se com as suas, e uma tão intima corrente de affectos e de terna fraternisação, que ha de ter momentos em que se esqueça da sua posição de Rei para só se lembrar que é portuguez, e irmão affectuoso e querido de todos que o festejem, que o aclamem doidamente como aquelle que leva consigo a representação authentica de toda a patria portugueza.

Poderá julgar alguém que seja isto uma phantasia. Pois posso assegurar-lhes que o sr. D. Carlos, n'uma conversação com alguns dos seus familiares, que cá fóra a reproduziram sem d'ella pedirem reserva, manifestou estes mesmos sentimentos, declarando que lhe era grato o convite do Presidente Affonso Pena, e que este seu desejo, de ha muito tempo alimentado, ia emfim! realisar-o.

Ao *Brasil-Portugal* cumpre felicitar os brasileiros e portuguezes pela disposição de espirito e de vontade com que o rei de Portugal vae visitar pela primeira vez a formosa terra do Brasil.

OS VINHOS E O NOSSO DOMINIO AGRICOLA

Quanto a mim, as attenuantes que póde ter a crise vinicola, absolutamente insolúvel por meios legislativos, virão tão sómente do barateamento do custo de produção, da melhoria do fabrico e da organização collectiva da venda.

O nosso commercio de vinhos de pasto não está organizado por fórma a poder entrar com desafogo e sabedoria no caminho largo do commercio moderno. Não tem posses de iniciativa e de dinheiro para fazer a necessaria propaganda, estabelecer armazens de venda no estrangeiro e na Africa portugueza, crear typos commerciaes fixos, perseguir a fraude internacional, pagar bem a agentes bons, emfim, para lutar por todas as fórmas contra os nossos competidores nos mercados do mundo.

Supponho que a acção commercial de grandes companhias melhoraria pouco a pouco e formaria typos novos de vinhos que entrassem em competencia com os que todo o mundo civilizado prefere, procurando conservar o negocio dos vinhos nobres e sem abandonar, procurando alargar, é claro, o commercio corriqueiro, que ha de formar sempre o consumidor vulgar, não só da metropole como das colonias e da população baixa portugueza do Brasil. As companhias poderosas creariam consumidores novos com typos novos de vinhos e levariam mais longe os typos já sabidos. Por ambas as fórmas conseguiriam dar maior vasão ás adegas do vinhateiro nacional, estimulando o progresso e a perfeição na tecnologia oenologica, por judiciosas escalas de preços.

As adegas sociaes, cuja



Vida elegante — Um casamento na Igreja dos Martyres

As filhas do ministro da Hollanda, a sr.^a D. Isabel O'Neill e Jorge O'Neill

legislação, do ministro sr. conselheiro M. F. de Vargas, é a melhor que se conhece, seriam um preparatorio associativo para as grandes companhias e a forma unica de defender os typos regionaes.

Pequenas companhias serão apenas mais outros pequenos commerciantes sem posses para viver do consumidor exotico e vegetando á custa do productor nacional, explorando um consumo interno constante e já abarrotado. São apenas mais intermediarios parasitas, d'esses que a Economia moderna condemna *in limine*.

Mas nem companhias, nem providencias legislativas ephemerhas, conseguirão levantar consideravelmente o preço aos vinhos. A pro-



Vida elegante — Um casamento na igreja dos Martyres

Madame Morales de los Rios e suas filhas, as sr.^{as} condessa de Figueiro e D. Maria Theresza Briffa — marquez de Souza Holstein e conde de Figueiro

ducção é que tem de trabalhar no sentido de ganhar com preços baixos e o seu trabalho todo tem de ser no sentido de apurar a qualidade. As grandes companhias manteriam os preços e já seria uma conquista valiosissima, pois que é com preços mais baixos e qualidades mais altas que os italianos e os hespanhoes nos batem nos mercados vinicolas mundeaes.

Por isso me revolto contra qualquer imposto que tenda a encarecer seja que ramo fór da produção vinicola nacional.

E' um attentado economico, n'esta época em que todo o commercio tende a democratizar e a nivelar os consumos.

A ameaça actual do governo para creação d'um imposto especial não póde acceitar-se como boa doutrina economica, nem enca-



Vida elegante — Um casamento na igreja dos Martyres

Consel da Austria, sua esposa e nora — A sr.^a D. Maria Theresza Briffa e D. Maria Guill y Bourbon e condessa de Jimenez de Molina

rada d'esse modo, nem como restricção absoluta de plantio, pois n'um paiz de milhões de hectares de terrenos incultos é criminoso que um Estado prohiba a valorisação de territorio, que só na vinha encontra meio de render cousa que se veja.

Se o fizer é mais uma vez por medo e se fazemos entrar esse factor na nossa politica economica, assim como já penetrou e asentou arraiaes na politica propriamente dita, temos de abdicar de pensar, de raciocinar e de administrar para sermos mandados pela

primeira multidão que physicamente atemorise os governos e os impilla hoje para a direita, amanhã para a esquerda, agora para diante, logo para traz, como se fossem inconscientes bebados.

E, na realidade, as correntes economicas teem sulcado d'essa forma zigzagueante e doida o paiz, como as torrentes, que a trovoadá fórma, se despenham pelas encostas das montanhas, tortuosamente, arrastando tudo ante si.

O Estado pouco tem pensado em canalisar, em fixar, em regular essas forças, forças collossaes, que deviam movimentar todo o mecanismo da riqueza agricola, fazendo multiplicar e crescer as suas produções.

E senão vejamos em rapido esboço o nosso dominio economico agricola e a fórma como d'elle se trata.

O rendimento da produção d'um bom anno cerealifero avalia-se em 45.000 contos, mas importamos em cereaes qualquer coiza como 4.700 a 5.000 contos de réis.

O azeite portuguez rende 6.300 contos mas importamos azeite em quantidades crescentes que attingiram em 1902 2.383.264 litros e mais 4.776 pipas de 500 litros entradas no segundo semestre d'esse anno pelas alfandegas de Lisboa e Porto.

As carnes, as lãs, os lacticinios fornecem-nos annualmente um valor de 30.000 contos, mas importamos ainda em derivados do leite e em margarina, 200 contos, e em lãs 1.500 contos.

Os legumes, as hortaliças, os fructos rendem 14.000 contos, mas vamos buscar lá fóra por 63 contos de generos d'estes, excluindo os doces e conservas de fructos.

E até importamos 30 contos de vinho!

E 180 contos de réis de batatas e 95 de amido e dextrina e 107 de mel!

E' dizer com isto o altissimo valor da agricultura na economia interna e o papel absolutamente primordial que póde vir a repre-



Vida elegante — Um casamento na igreja dos Martyres

Sr.^a D. Guadalupe de Castro e outros convidados

sentar quando alargue em extensão e em intensidade as suas explorações, isto é, quando disponha de mais sciencia, de mais iniciativa e mais credito.

E diga-se isto sem desdouro para ninguem, pois que em paizes como a sabia Allemanha, como a emprehendedora França, como a rejuvenescida Italia, trata-se com afan de propagar a sciencia agricola, de impulsionar iniciativas ruraes, de fornecer-lhes credito.

O valor do vinho em Portugal póde computar-se em 25.000 contos de réis e não é esse o unico producto commercial da vinha. Temos a considerar a uva fresca e passada e os residuos da vinificação.

O vinho é o producto portuguez de exportação que, juntamente com a cortiça, occupa o primeiro logar nos valores do nosso commercio com o estrangeiro.

Portugal está em plena região da vinha e da oliveira e a vinha, só á sua parte, occupa 220.000 a 300.000 hectares do nosso territorio colonial produzindo, em média, 5 a 6 milhões de hectolitros de vinho, repartidos por 590 milhões de cêpas.

15 a 16 % da produção total agricola do nosso paiz pertence á vinha, assim como 7 % da superficie agricola utilizada no reino.

Em uvas frescas e passadas, uma das ultimas estatisticas diz-nos que as exportamos no valor de perto de 120 contos de réis e essa verba poderia augmentar-se consideravelmente.

Basta attender n'este ramo de commercio na Grecia, na Italia e em Hespanha para claramente resaltar a possibilidade de alargamento d'esta produção e d'esta venda. A Grecia exporta passa d'uva no valor de 6.400 contos e na Hespanha a exportação avalia-se por muitos milhões de pesetas. Assim é que, em 1899, o visinho reino exportou perto de 35 milhões de kilos de passa d'uva valendo quasi 18 milhões de pesetas ou sejam 3.300 contos e 25 milhões de kilos de uva fresca com um valor de 1.500 contos de réis. A Italia vê sahir pelas suas alfandegas aos 80 milhões de kilos de passa d'uva.

E, entretanto, o nosso clima e a nossa terra não são menos

adequados do que os d'aquelles paizes a taes explorações ruaes e a prova é que as temos mas em escala diminuta e inexplicavel agricolamente falando!

Bastam, se preciso fosse, supponho eu, os numeros apontados para elucidação sobre a importancia enorme da cultura da vinha em Portugal e sobre os recursos que, alem do vinho, nos póde dar a preciosa planta: o tartaro por exemplo.

Para a resolução da chamada crise vinicola, não poucos serviços póde prestar o perfeito conhecimento de todos os ramos da viticultura e a sua exploração intelligente.

Apoz a cultura da vinha acode logo ao pensamento a cultura da oliveira, que nos deve dar em azeite entre 50.000 e 60.000 hectolitros dos quaes 20.000, em média, são exportados com o valor approximado de 500 contos de réis. Em conserva saém pelas nossas barras perto de 700 mil kilos de azeitonas, valorizados em 29 contos e tantos mil réis. E' valiosissimo o commercio interno de azeite e de azeitona e muito larga a área occupada pelos olivaeos, notabilisando-se n'este ponto os districtos de Santarem, Beja e Castello Branco.

Calcula-se em 16 % da superficie agricola utilizada no paiz a área occupada por plantações de arvores e entre ellas a maior percentagem pertence á oliveira.

Entretanto, quanto ha a caminhar em olivicultura e em oleotechnia, apesar de se ter trabalhado já bastante! Felizmente observo agora entre os nossos lavradores uma decidida tendencia para a civilização d'esta cultura e d'este fabrico.

Mas que passos em falso! Que empreendimentos tão desorientados! Lavradores querendo melhorar installações de lagares e encomendando prensas colossaes que lhes custam um dinheirão, quando, com pequenas prensas, eram servidos muito melhor e muito mais em conta. Este é um exemplo, entre muitos.

Falta de sciencia, falta de agronomia na agricultura!

Logo depois, ou talvez a par da arvore de Minerva — uma estatística exacta reserva nos grandes surpresas — tenho que inscrever a figueira, cujos fructos — chamemos-lhe assim — em verde e em seccoos dão logar a um commercio interno importante e uma exportação approximada de seis milhões de kilos, no valor de 233 contos de réis. O figo, como é sabido, entra na alimentação para consumo directo.

Tambem a alfarroba entra na lista dos nossos productos exportaveis com um valor de perto de 250 contos, representativos de 14 milhões de kilos absorvidos quasi completamente pela Inglaterra.

A amendoeira, cuja extensão cultural a estatística não nos dá, accusa no commercio com o estrangeiro uma sahida de mais de 1 milhão de kilos, valendo para cima de 250 contos de réis.

A laranja, que já rendeu 400 contos de laranjas só em vendas para o estrangeiro, desceu hoje a sua exportação a menos de 50 contos de réis, em proveito da Hespanha que tem visto augmentar as suas transacções d'este fructo com outros paizes, graças á melhor e mais cuidadosa apresentação e ao mais perfeito acondicionamento da laranja, verdade seja, tambem, que a doença tem



Vida elegante — Um casamento na igreja dos Martyres

As sr.^{as} condessa de Macuriges, D. Josephina de Castelbranco Ribeiro da Cunha, etc.

affligido bastante os pomares portuguezes e diminuido bastante a sua producção, arrasando-a por completo nos Açores, onde o seu logar foi occupado pela cultura dos ananazes.

Os ananazes rendem hoje perto de 300 contos de réis aos cultivadores açorianos, isto pelo que nos diz o registo da alfandega no qual cada ananaz está avaliado em 366 réis, preço excessivamente baixo.

Seguidamente veem as maçãs cuja exportação attinge quasi 5 milhões de kilos, no valor approximado de 100 contos de réis.

Depois encontram-se, no continente e nas ilhas, as ameixas, as peras, as bananas, devendo chamar a nossa attenção pelo valor que representam já, mas ainda mais pelo que podem representar.

E estes fructos, e todos os outros, podem dar logar a explorações agricolas de primeira ordem que valorisem terras, capitães e mão d'obra por formas, e maneiras que a maioria dos nossos cultivadores do solo e os nossos capitalistas ignoram completamente.



Vida elegante — Um casamento na igreja dos Martyres

As sr.^{as} marquezã de Gouveia — D. Maria de Mello e Costa (Gabriãs) — mademoiselle Briffa — marquezã de Guell y Bourbon, etc.

Como amostra do que vale o commercio de fructos, e tomando um paiz europeu ao acaso, direi que a Allemanha, ha tres annos, importou para cima de 20 mil contos de fructa.

Meus senhores, vou terminar, não porque o assumpto esteja esgotado mas em virtude da hora correr adeantada.

Os tres grandes factores de impulsionamento d'estas fortunas que Deus nos deu são *instrucção agricola, associações e credito* na sua vida interna, *politica economica internacional agraria firme e fica, diplomacia que sirca o commercio*, na sua vida externa.

E lembrem se os nossos dirigentes do conceito primacial do philosopho: *A prosperidade publica é semelhante a uma arvore: a agricultura é a raiz, a industria e o commercio são os ramos e as folhas; se a raiz soffre, as folhas despegam-se, os troncos caem e a arvore morre.*

Mas para aquelles que achem transcendente o raciocinio, proponho então uma simples phrase do illustre japonês do começo do seculo passado, Ninomiya Kindjiro, o Raffeisen do Extremo Oriente: *Se os homens quizessem ter o trabalho de abrir os olhos, não andariam talvez ás apalpadellas na escuridão.*

D. LUIZ DE CASTRO



Um soneto

Estas maguas sentidas dia a dia,
soffridas em silencio e longe d'ella,
todo este mal occulto que revela
uma existencia morbida, sombria;

esta minha expressão sem alegria,
esta attitude, esta mudez singella,
este meu riso até que a dôr modela
porque sempre a tristeza o contraria,

nasceram da saudade e da amargura...
mas vós todos, poetas sem ventura
que sabeis inspirar alheio dô.

não podereis medir tamanha dôr.
Em vós morre um amor nasce outro amor
e eu não soube esquecer!... Eu tive um só.

Vasconcellos e Sá

Politica internacional

Succedeu o que era de esperar com o resultado das eleições hespanholas. Ninguém ficou satisfeito, a não ser os partidários da "solidariedade catalana". Os republicanos, apesar do que ganharam, desejavam mais, e a aliança de Salmeron com os regionalistas de Barcelona é severamente apreciada por uma parte importante do partido, a ponto de se prevê que o velho e prestigioso tribuno democrata terá de abandonar a chefatura. Os liberaes queixam-se amargamente do procedimento do go-

os progressos do regionalismo catalão, que mais ainda lhe vem complicar a situação interna, podendo até reflectir-se na efficacia dos accordos internacionaes ultimamente realizados pela Hespanha. Ninguém está pois contente, mesmo os que deviam considerar-se mais satisfeitos. Existe de facto razão para semelhante descontentamento? Um rapido golpe de vista sobre a situação politica do paiz vizinho vae nol-o dizer.

Principiemos pelo descontentamento do partido republicano. E' fóra de duvida que numerosas razões o explicam; não diremos que

Batalha de flores

No Campo Grande



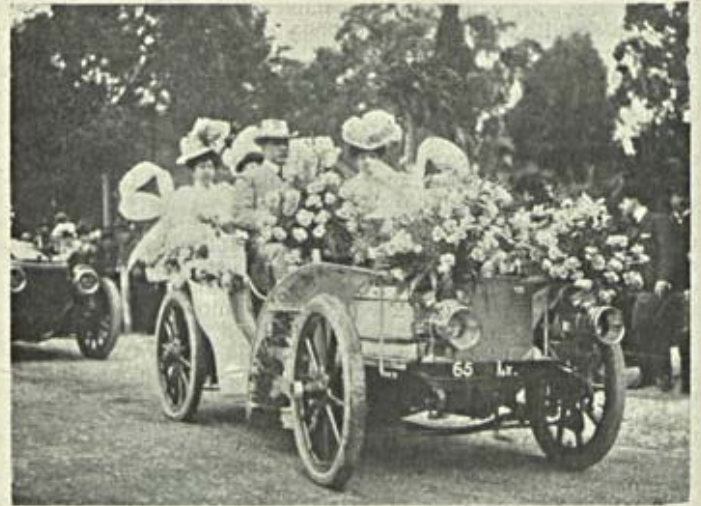
S. M. a Rainha — Sr.^a D. Isabel de Saldanha da Gama (Ponte)

verno, que contra elles empregou todas as violencias, poupando relativamente os "solidarios", e ameaçam retrahir-se não só na proxima eleição senatorial mas até mesmo no parlamento, abandonando as sessões das côrtes e collocando-se em absoluto antagonismo com o ministerio. O governo pelo seu lado, apesar da esmagadora maioria que alcançou, ou talvez por isso mesmo, sente-se embaraçado com a attitudo dos liberaes e mostra-se inquieto com



Batalha de flores — No Campo Grande
Carruagem do sr. Eduardo Santa Clara

(Alcançou o 1.^o premio das carruagens de luxo)



Batalha de flores — No Campo Grande

Automovel do sr. Elycio Mendes

(Alcançou o 1.^o premio)

o justificam, para não parecer censura o que apenas é a imparcial e objectiva exposição dos factos. O partido republicano é numeroso em Hespanha. Tem tradições de governo, por isso que já esteve á frente dos negocios publicos. Possui homens de grande valor e alguns, como Salmeron, de altissimo prestigio individual. Não tem tido que lutar contra administrações monarchicas fortes ou amparadas pelo favor da opinião. Conseguiu fazer entrar nas anteriores Côrtes perto de trinta deputados. E ás Côrtes actuaes manda um numero ainda maior. Pois apesar de todas estas vantagens a sua acção politica nos ultimos tempos tem sido singularmente hesitante e tibia. Os trinta deputados da anterior legislatura quasi que passaram despercebidos, tão frouxa foi a attitudo parlamentar que mantiveram. Muito menos numeroso era o pequeno grupo de republicanos francezes no tempo de Napoleão III e não deixavam um momento de repouso ao imperio, que, pôde dizer-se, estava de ha muito morto na consciencia publica quando de facto se afundou em Sédan. Além de que o terceiro imperio francez tinha incomparavelmente mais raizes na opinião do que nunca teve a monarchia restaurada de Sagunto.

A causa da esterilidade politica do partido republicano hespanhol é pois uma causa interna, visto que todas as condições externas o favorecem. E não é difficil de atinar qual ella seja.

O partido republicano está ainda na phase dos programmas theoreticos; e ás abstracções de escola sacrifica a liberdade de acção pratica; sem a qual não ha grupos politicos que possam influir efficazmente na vida nacional. Acrescentem-se ás divisões produzidas pela irreductibilidade do programma as divergencias ocasionadas pela rivalidade dos homens, tão accentuadas entre o partido republicano hespanhol como entre os partidos monarchicos — liberal e conservador — e ter-se-ha a causa da paralyzação da acção republicana em Hespanha.

Apesar, pois, dos inevitaveis progressos que apesar de tudo tem feito a democracia na nação vizinha, razão teem os republicanos hespanhoes para não estarem satisfeitos com a situação, de que no fim de contas só elles são os responsaveis. O movimento que se está pronunciando contra a chefatura de Salmeron e contra a orientação politica por elle imposta ao partido é o ultimo symptoma do descontentamento que lavra nas fileiras do partido avançado hespanhol.

Tambem as eleições não deixaram contentes os liberaes. E tanto que entre elles se discute com calor o retraimento das camaras. Escusado será dizer que este procedimento, a ser adoptado, apenas apressará a des-

organização final do liberalismo em Hespanha. Compreendia-se o retraimento parlamentar, quando os partidos que o propunham e o realisavam estavam preparados para se lançar na revolução. Podia-se discordar da legitimidade da resolução, mas ninguém lhe negaria a logica e a coherencia. Retrair-se, porém, da arena legislativa, e a este retraimento não se seguir um golpe de força equivale a condemnar-se a inevitavel suicidio. E é o que vae acontecer ao partido liberal hespanhol, se não reconsiderar na deliberação annunciada, porque seria loucura sequer o pensar que elle pôde actualmente fazer uma revolução. Nem tem força nem prestigio para isso. Além de quê, o tempo das revoluções de caserna, taes como as poudé fazer um Prim, passou para a Hespanha. Nem Zorilla, a mais completa organização de revolucionario que teve o partido republicano hespanhol, poudé nunca fazer vingar uma unica das suas numerosas *intentionas*.

Além d'isso o partido liberal, tão dividido hoje na opposição como o esteve hontem no governo, não está em situação de falar com auctoridade ao paiz. Os tres ou quatro grupos, que o compõem, não só se não entendem para uma acção commum senão que se odeiam e timbram em prejudicar se. Com a extrema esquerda está o sr. Canalejas e o general Lopez Dominguez. Com a extrema direita está o sr. Montero Rios e o marquez de la Vega de Armijo. Com o centro está o sr. Moret. Foi esta desunião a causa do fracasso das diferentes administrações liberaes que se succederam ainda ha pouco no poder. Foi esta desunião a causa do desastre eleitoral que o par-



Batalha de flores — No Campo Grande

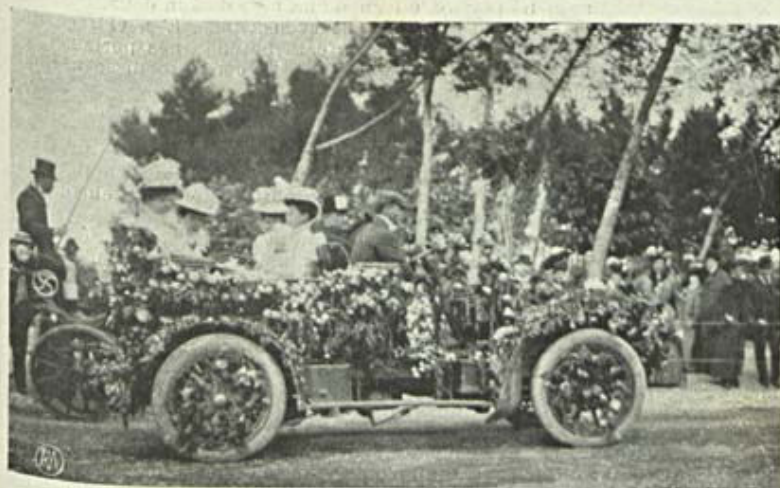
Tandem dos srs. Zenoglio e Fonseca

(1.º premio)

dora que alcançou? O que vão ser as actuaes Côrtes pôde bem presumir-se, e a vida amargurada que n'ellas levará o ministerio, é facil de prevêêr-se.

Razão para estar contente com o resultado das eleições só a tem a Catalunha. Graças á cegueira dos governos hespanhoes, que ha muitos annos se teem succedido no poder, e graças tambem ao inesperado apoio de uma parte do partido republicano — a que obedece á orientação de Salmeron — as aspirações regionaes do Principado acabam de alcançar uma estrondosa victoria. Por mais que o centralismo castelhana procure agora contêr os vôos ao catalanismo, não o conseguirá. *Alea jacta est.*

Não só a sorte da Catalunha foi definitivamente jogada na cartada preparada tão inhabilmente pelos estadistas de Madrid, como com ella se conjugou o destino das outras provincias da Hespanha. Já se fala n'uma "solidariedade andaluza, que por seu turno provocará amanhã novas "solidariedades, no Aragón, nas Vascongadas, nas Asturias e na Galliza. Quer dizer, o exemplo de Barcelona vae fazer acordar na peninsula o espirito regional, que nunca se extinguiu de todo na nação vizinha. O peor é que pela myopia dos homens, que até hoje teem governado a Hespanha, este movimento descentralizados em vez de representar a pacifica evolução indispensavel para a reconstituição politica da nação, surge com o caracter de protesto contra a supremacia de Castella, o que constitue uma acção perturbadora para o desenvolvimento nacional.



Batalha de flores — No Campo Grande

Automovel do sr. Henrique Taveira

tido acaba de soffrer. E o peor é que não se vê a maneira como se ha-de dar outra vez unidade á herança de Sagasta.

Razão teem pois os liberaes para não estarem satisfeitos, ainda que só de si tenham de queixar-se tambem.

Terá o sr. Maura, como chefe do gabinete, mais razão para estar contente? Não parece. A crise interna que ameaça de dissolução o partido liberal é a mesma que trabalha o partido conservador. O sr. Moret não tem hombros para a herança de Sagasta. O sr. Maura, não obstante os seus talentos pessoaes, não tem hombros para a herança de Canovas del Castillo. Pôde até dizer-se que tanto o chefe liberal como o chefe conservador teem *quignê*.

E' raro que, com singular inhabilidade, não compliquem e não estraguem as questões em que tocam. O sr. Maura, sobretudo, é eximio em crear situações irreductiveis. Se não veja-se a barafunda parlamentar com que vae ter de defrontar-se. Sem embargo das violencias commettidas para fazer eleger uma camara acomodaticia, violencias que, mesmo na Hespanha tão acostumada a estes processos electoraes, teem levantado um brado geral de indignação, vê entrar nas Côrtes um grupo anti-dynastico de setenta deputados, o partido republicano augmentado em vez de enfraquecido, o partido carlista com uma representação tão numerosa como nunca a teve desde o reinado de Amadeu, e acima de tudo como inquietadora incognita, de molde a produzir as mais justificadas apprehensões, esse blóco dos representantes da "solidariedade", diante dos quaes o governo teve de capitular na Catalunha, mesmo sem ter combatido, e sobre cuja acção dissolvente na politica hespanhola ninguem se illude.

N'estes termos como poderá estar satisfeito o sr. Maura com o resultado das eleições, apesar da maioria esmagada



Batalha de flores — No Campo Grande

Um grupo de senhoras

E' sobretudo com a Catalunha que o erro commettido ameaça produzir mais funestas consequencias. Não se trata como se fosse "burgo podre", uma região da importancia material e moral do antigo Principado, com uma larga e gloriosa historia, com uma litteratura a trasbordar de vitalidade, com uma arte cheia de inspiração e com um sentimento nacional de tal maneira exaltado, que todas as ambições lhe parecem legitimadas e de justificada realisação.

Foi por não ter comprehendido o problema catalão, que a Hespanha se vê a braços actualmente com essa questão da "soli-



Batalha de flores — No Campo Grande

A sr.^a ministra do Brasil

dariedade, que ameaça a propria integridade da nação, senão a integridade material pelo menos a integridade moral. As recentes eleições consagraram por fórma definitiva a "patria catalã". Aqui está o motivo porque em contraste com o descontentamento de todos os partidos "hespanhoes", só tem razão para estar satisfeita a Catalunha, que é quem se aproveita de todos os erros dos governos de Madrid. Ha tantos annos que estes semeiam ventos, que não admira que a tempestade se approxime.

CONSIGLIERI PEDROSO.

A morte de Rosinha

Minha amiguinha adorada. — Hontem á noite, em quanto a tua mamã bordava á luz do candieiro uma touca de inverno para ti, e teu pae fazia paciencias, sentado com dois dos seus amigos ao canto em que está a mesa do jogo por baixo da étagère dos livros bonitos, tinhas-te encostado tu ao braço da minha poltrona, e ali, ao pé do fogão, depois de termos estado a ver todas as figuras da *Illustração Francaesa*, pediste-me que te contasse uma historia.

— Mas uma historia verdadeira! accrescentaste, sacudindo para traz os cabellos e pondo em mim os teus olhos, serios como quando me ralhas e me sacodes, por eu ficar ás vezes pensativo e calado a olhar para as faúlas que deita o lume. — Quero uma historia triste. As historias que fazem rir são pêtas. Has-de-me contar um conto que me obrigue a scismar como as pessoas crescidas quando principiam a dizer os casos que lhe succederam.

Foi assim que me falaste, e eu prometti-te debaixo da minha palavra de honra que me lembraria hoje da historia que tu querias.

Aquí a trago escripta n'este papel. Quero regalar-me de t'a ouvir lér com a engraçada pronunciasinha dos teus oito annos. Quando as pessoas grandes lêem o que eu escrevo, sorrio por fóra, mas não imaginas como estou por dentro de encanização e de birra! Se nunca lhe fazem as pausas nem lhe dão as intenções que eu tinha! . . . Quando tu lês, então sim. Quando tu me gaguejas, me syllabas, e até (aquí para nós) me soletras de quando em quando, com a tua voz alegre, vibrante e fina, figura-se-me ouvir chilrear uma revoada de passarinhos, que me dão bicadas no pensamento e me esvoaçam com elle pelos ceus.

Rosinha, a dama de minha historia, tinha sete annos. Era loira como tu, e tinha os olhos ainda maiores e mais azues. Aquella parte do ceu que todas as creanças teem dentro das cabecinhas, e que lhes desafoga no sorriso e no olhar, sahia-lhe a ella unicamente pelos olhos, porque Rosinha, a bem dizer, nunca ria. Vê lá se seriam grandes ou não os olhos d'uma pequenita assim!

Era magra, tinha os braços finos e as mãos afiladas e descarnadas como as d'uma senhora em ponto muito pequeno. Chegavam a metter respeito, apesar da sua pequenez, pelo que eram de pallidas e pelas veias azues que se lhe viam quando ella as cruzava no peito como a santa de um altar para conter a fadiga ou a tosse que a suffocava ao mais leve esforço. Era meiga como um cordeirinho sem mãe que a gente crie por caridade com o leite do seu almoço, e tão acuada quanto póde sê-lo uma camelia quando acaba de se colher com o orvalho em cima.

Passava horas e horas com a face no seio de sua mãe, beijando-a longa e docemente na bocca e nos olhos, e brincando-lhe devagarinho com alguma madeixa solta do cabelo, com as medalhas do bracelete ou com as rendas da camisa, que se lhe viam no peito por dentro do decote. Era tão socegada que nas sextas-feiras á noite os folhos do seu vestido de cassa estavam ainda tão frescos a tão perfumados como no momento em que o vestira na quinta-feira de manhã!

— Tão boa d'alma e tão fraquinha de corpo, é do céu esta menina, diziam os pobres da aldeia beijando-lhe as mãos quando ella, ao sahir da missa, distribuia por elles os dinheirinhos que lhe tinham dado. Os medicos recomendavam sempre que a amimassem muito e a livrassem de commoções violentas.

Uma noite estavam juntas em uma sala que ficava rente com o jardim. Era tarde, todos se tinham recolhido, só elles seroavam e não tinham somno, a mãe porque a estava contemplando, ella porque dormira por algum tempo n'um sophá. Senão quando truz! truz! bate-se por fóra da janella que deitava para o parque. A mãe estremeceu. Rosinha abraçou-se n'ella com o coração a bater-lhe como o d'um canario que de repente se sente agarrado no poleiro, e fechado na mão da sua dona.

— Já sei o que é, observou a mãe. E' a vidraça que não ficou fechada e que está batendo nas portas. E levando uma luz para o quarto contiguo disse a Rosinha:

— Fica por um instante aqui para te não constipares, em quanto eu vou fechar a janella.

A menina esperou por um minuto, ou dois, mas parecendo-lhe — illusão por certo! — ouvir falar confidencial e precipitadamente, abriu a porta de subito e entrou outra vez na sala d'onde sahira.

A janella estava aberta e a cortina corrida. A luz do apozeito espargia-se para fóra até alumiar as arvores mais proximas.

Enquadrado no caixilho da vidraça estava direito como um phantasma e envolto n'um manto escuro um vulto que parecia de homem e que ao encarar com Rosinha recuou dois passos cobrindo o rosto com a capa.

Imagina que susto, Clarice! Ponha cada um o caso em si! Dizem os livros que se não deve acreditar em almas do outro mundo. . . Eu de mim não acredito, principalmente de noite. Mas, a falar-te a verdade, tenho medo tambem. Tal qual como se acreditasse. Ainda mais talvez! Estou a contar-t'o e estou a tremer. E mais sou homem! Rosinha que era a debilidade e a exaltação nervosa na mais stricta figurinha de menina que se póde ver, expediu um grito estridente e dilacerante e cahiu como morta.

Voltou a si, mas ficou doente, de medo, com febre e com delirio. Ao cabo de oito dias ninguem podia vel-a sem chorar sobre o seu pequeno leito de faia branca e de setim azul. As palmas das suas mãosinhas escaldavam como ferro quente. Tinha a bocca seca, a respiração arquejante, e os olhos — os seus grandes olhos azues, — desmedidamente dilatados.

Quando a punham de lado e a aconchegavam na roupa, submetendo-lh'a no hombro como a tua mamã te faz quando tu vaes dormir, tão delgado e exiguo era o seu vulto, que apenas se conhecia que estava gente n'essa caminha rodeada de caricias, de sus-



Batalha de flores — No Campo Grande

Automovel do sr. Jorge Burnay

tos, de hesitações e de esperanças, pelo movimento da respiração e pelo aspecto dos cabelos, cujos anéis se iam espalhados e confundidos com rendas do travesseiro. Quem lhe beijava a cabeça loira sentia o cheiro acre da febre misturado com esse perfume virginal das cabeças das creanças — perfume com que os paes se inebriam e que se parece com o da plumagem interior de um ninho aquecido pelo seio amoroso de uma avesinha.

Por mais que lhe fizeram, por maiores que foram os esforços da medicina, por mais ardentes e desesperados que foram os mimos, os cuidados e as orações maternas, Rosinha foi sempre a peor.

Um dia pareceu mais socegada e serena. Estava só com a mãe que a fitava engolindo o pranto e procurando sorrir á sua dôr com o mesmo esforço com que uma pessoa gelada procura espantar o frio fingindo-se quente. Rosinha disse-lhe assim:

— Está muito triste mamã, que eu bem lhe conheço nos olhos que tem chorado muito... E tenho a ouvido também, a soluçar ahí, aos pés da minha cama, julgando-me adormecida. Não pense mais em mim. Eu sei que morro, mas que vou para o céu. Não tenha medo de ficar sózinha. Quando eu lá chegar a cima hei-de pedir ao anjo da minha guarda que me leve a falar com Deus, e eu mesma lhe farei queixa d'aquelle homem negro que veio de noite metter-lhe medo, andando para traz diante de mim como um phantasma, e escondendo os olhos no seu manto preto. Hei-de exigir mesmo, em nome da mamã, que elle fique enraizado no parque immovel no meio das arvores, para que o papá ainda o encontre quando voltar, e com a força que elle tem, lhe descubra o rosto e ralhe com elle... Abraçe-me agora, mamã, e verá como eu lhe vou dar com um beijo a consolação e a esperança...

A mãe ergueu as mãos para um crucifixo que estava pendurado no muro e bradou-lhe:

— Deus de misericórdia! matae-me aqui! que eu morra já, ou que enlouqueça ao menos!

Faze ideia, Clarice, como seria doloroso ouvir assim a despedida extrema, tão caroavel e terna, de uma filhinha que se adora, mas que se adora mais do que tudo na terra e no céu. Verdade seja que se reuniriam pelo amor no outro mundo... Não querem dizer que as estrellas cadentes, que a gente vê de noite atravessar o espaço, são as almas dos que se amaram na terra e procurarem-se para se encorporarem em uma só luz no firmamento? Não era já um peñhor d'essa entrevista celestial o beijo derradeiro que a filha offercia á mãe? Quando esta porém, se debroçava na cama para o receber, Rosinha tinha a bocca aberta, os braços deslaçados, a cabeçinha cahida para traz no travesseiro como um peso de chumbo, e os olhos vidrados, embaciados e immoveis, cravados na figura do anjo pallido e frio de alabastro, por cima de cujas azas abertas pendia o cortinado do leito. Estava morta.

Quando o pae voltou não encontrou no parque o phantasma negro. O jardim estava igualmente só. Não viu ninguem. Nem a



Batalha de flores — No Campo Grande

Landau com as filhas do sr. Carlos Ribeiro da Silva

e as alegrias da familia, pela solidão horrorosa de um quarto n'uma casa de alienados.

De hoje em diante, Clarice, quando fizeres a tua oração da noite, resa um padre-nosso a maior pelo homem negro. Ninguem sabe quem fosse, mas deve ser grande culpado, a quem Deus difficilmente perdoará, aquelle que esconde o rosto na capa para não ver as creanças, e para não as beijar!

A commiseração para os criminosos como elle só pôdem pedir-a os innocentes como tu.

RAMALHO ORTIGÃO.

Art.º 1056 do código civil

Oíça visinha: o melhor
E' combinarmos o modo
De acabar com este amor
Que me toma o tempo todo.

Passo os meus dias a vel-a
Bordar ao pé da saccada.
Não me tiro da janella
Não leio, não faço nada...

O seu trabalho é mais brando
Não lhe prende o pensamento,
Vae conversando, bordando,
E acirrando o meu tormento...

O meu não: abro um artigo
De lei, mas nunca o acabo,
Pois dou de cara comsigo
E mando as leis ao diabo.

Ao diabo mando as leis
Com excepção d'um artigo:
O mil e cincoenta e seis...
Quer conhecêl-o? Eu lh'o digo:

«Casamento é um contracto
Perpetuo». Este adjectivo
Transmuda o mais lindo pacto
No pacto mais repulsivo.

«Perpetuo!» Repare bem
Que artigo cheio de púas.
Ainda se não fosse alem
De uma semana, ou duas...

Olhe: tivesse eu mandato
De legislar e poria:
Casamento é um contracto
De uma hora — até um dia...

Mas não tenho. E' pois melhor
Combinarmos algum modo
De acabar com este amor
Que me toma o tempo todo.

Augusto Gil.



Batalha de flores — No Campo Grande

Um carro com o commendador Mattoso da Fonseca

filha que lhe saltasse jubilosamente ao pescoço, nem a esposa que o cingisse ao coração. A menina estava já sepultada no seu tumuloso do cemiterio do Alto de S. João onde nós havemos de ir no dia de finados dispôr um canteiro de amores perfeitos em testemunho da nossa saúde e plantar uma roseira em memoria do nome da defuntinha gentil. A mãe tinha trocado o aconchego dos seus aposentos, as arvores do seu parque, as flores do seu jardim,

Notas de sport

Tiro aos pombros — TRES TAÇAS

No stand de tiro da Tapada da Ajuda realisaram-se nos dias 27 e 28 de abril duas sessões de tiro em que foram disputadas na primeira tarde a taça Eduardo VII que anteriormente fôra ganha, respectivamente, pelo argentino sr. Marcelo Alvear, por El-Rei e pelo Principe Real e de que d'esta vez ficou vencedor o sr. commendador Jorge de Almeida Lima; — na segunda tarde a taça Affonso XIII anteriormente ganha tres vezes por El-Rei e que d'esta vez coube depois da lucta renhida ao sr. Alvear.

No primeiro domingo de maio disputou-se a taça Nobl's que d'esta vez foi ganha definitivamente pelo sr. dr. Elysio da Costa.



Notas de Sport — Tiro aos pombros — Na Tapada da Ajuda
El-Rei — Principe Real — conde da Ribeira (D. Vicente)
barão de Fallon



Notas de Sport — Tiro aos pombros — Na Tapada da Ajuda
El-Rei — Ministro de Inglaterra — Antonio Ferreira Pinto Basto

Entre os atiradores que tomaram parte nas tres sessões notamos El-Rei, Principe Real, Viscondes de Reguengos (pae e filho), Marquez do Fayal, Antonio Brandão de Mello, Barão de Tallon (ministro da Belgica), Mario Duarte, João Bregaro, Conde de S. Lourenço, Albino Guimarães, Hugo O'Neill, Conde de Jimenez e Molina, Augusto Ferreira, Pinto Basto, dr. Manuel de Castro Guimarães, Eduardo Romero, Annibal do Pinho (Alto Mearim), Conde d'Arge, Jorge Burnay, etc.

Publicamos alguns instantaneos que um dos nossos collaboradores artisticos conseguiu tirar d'esta festa a que assistiram muitas senhoras da nossa primeira sociedade e corpo diplomatico.

A regata da "TAÇA LISBOA"

Como os nossos leitores verão, damos no nosso numero de hoje as tripulações que a disputar a Taça Lisboa apresentam este anno tres agremiações nauticas n'ella interessadas.

A corrida realizar-se-ha no proximo dia 26 e n'ella é disputado pela quarta vez esse magnifico objecto de arte. A do primeiro anno foi ganha valentemente pela tripulação da Real Associação Naval que tinha por seu timoneiro o sr. Carlos de Sá Pereira. Nas dos dois outros annos coube a victoria ás tripulações apresentadas pelo Club Naval Madeirense, sendo d'ambas ellas timoneiro o sr. Alberto Pereira Dias, o *sportsman* que ha um bom par de annos entra em grande numero de regatas como timoneiro sem nunca ter perdido em nenhuma e que este anno não tomará esse logar por ter ha dias tido o desgosto de perder sua esposa.

No numero das nossas gravuras não figura a da tripulação da Real Associação Naval por se nos ter estragado á ultima hora a chapa photographica.

Essa tripulação compõe-se dos srs.: Henry Power Dagge, Francisco Duarte Junior, José de Sousa Prego e Luiz Rembado.

A postura dos ovos

As de Refuinho foram as ultimas a chegar. Por causa do ar da noite traziam as cabeças envolvidas em muitos chales e só deixavam um buracinho para espreitar o creado que ia adiante com o lampião. D. Michaela, ao recebê-las no cimo da escada, logo ralhou com as meninas por causa do agasalho excessivo. Nem pareciam raparigas novas, tantas eram as cautellas que tomavam. D. Maria justificou as sobrinhas. Fora ella quem aconselhara taes cuidados, por causa das possiveis dores de dentes. Só quem nunca soffreu d'ellas é que pode falar. Quanto a si explicou, tossindo muito, com o seu modo resignado e soffredor:

— Oh! filha! Sempre te ando com uma gosma!...

Logo que entraram na sala, todos vieram comprimental-as. As da Torre Velha conduziram as primas junto do candieiro, para lhes mostrarem o retrato do irmão, que era militar e estudava em Lisboa. Tinham recebido pelo ultimo correio essa bella photographia d'um rapagão em pé, apoiado negligentemente na espada e a bar-



Notas de Sport — Tiro aos pombros — Na Tapada da Ajuda
Commendador Jorge de Lima, vencedor da taça — conde de Sinces
e Molina — Eduardo Romero

retina sobre uma console. Assentara praça em cavallaria por inclinação: todos os presentes se lembravam, de como era um demónio em pequeno, percorrendo o quinteiro em todos os sentidos, montado n'uma canna. A carta escripta ás irmãs era-o n'um luxuoso papel cõr de tremço cosido e perfumada d'almiscar. Dizia maravi-

lhas das opulencias da capital, dos seus palacios, dos theatros e das formosas mulheres que passeavam em carruagens descobertas para serem admiradas.

— Isto já por lá tem uma duzia de namoros — disse Frei Ignacio, espreitando por entre as cabeças das meninas.

Mas uma das da Torre Velha, confidente do militar nos seus primeiros amores defendeu o:

— Quem, o Zésinho?! Não é d'esses.

E olhou para Clotilde de Refuinho, que baixou timidamente os olhos conservando-se muito tempo triste e encostada á mesa.

Os parceiros do rancoroso voltarete, enremissados da semana precedente, estavam soffregos sobre o jogo. O desembargador João



Notas de Sport — Tiro aos pombos — Na Tapada da Ajuda

Commendador J. de Lima — conde de Jimenez e Molina
e Augusto Pinto Basto

Xavier, para os desculpar por se não levantarem, disse de longe, com a auctoridade de um marido que esteve para ser de D. Maria, quarenta annos antes:

— O' minha prima. Deus lh'as dê muito boas. Dispense comprimentos. Esta remissa de quinze entradas tenho-a atravessada aqui.

Mas quem se aproveitou do reboliço foi o dr. Leandro, que a esse tempo levava uma reverendissima tunda, ás damas, do seu amigo Frei Antonio, que as jogava na perfeição. O advogado aproveitou o ensejo de atirar com o taboleiro para o inferno, e fez na sala um tal barulho, que parecia a derrocada de uma torre. Até ahí ia trilhando o medico Pestana, homem de grande saber e azedume, que lá estava com o seu esqueleto arrimado a um canto, a chupar cigarros, todo concentrado no odio ao recebedor da comarca, por causa da morgada, D. Michaela, mulher soberba, que os dois ambicionavam furiosamente. O recebedor, o famoso Silveira, n'essa noite em maré de fortuna amorosa, parecia um redemoinho pela sala, sempre com o chaile-manta cinzento, pendurado dos hombros. Foi elle que ao vêr muita gente, propoz logo um quino, falando com o seu ar starola. Era quem costumava tirar as bolas e salpicava o jogo de larachas muito apreciadas, que por vezes lhe deram assignaladas victorias, quando a morgada ria até ao engasgamento nervoso. Porém, n'essa noite, D. Michaela preferiu antes ouvir a musica "Ao Luar, tocada ao piano, com muito coração e esmero pela Clotildinha. Ella que era romantica e sentimental, adorava esse famoso trecho, que já uma vez a fizera suspirar em Barcellos. Era um idyllio cheio das meiguices dolentes e das suaves fragancias das campinas. Remurejavam brandamente arvoredos, um regato serpeava pela encosta e o poetico rouxinol queixava-se no interior de um loireiro. Frei Ignacio é quem fazia de rouxinol, munido de uma gatinha; mas o famoso Silveira, que tambem conhecia a musica, aproveitou cruelmente mais esta occasião de triumphar sobre o medico. Propoz-se a tomar para si a parte de rouxinol, sem nenhum auxilio de gaita. Os applausos á magnifica lembrança foram calorosos. Todos sabiam, quanto o recebedor da comarca era eximio imitador de vozes de animais e especialmente das aves. Em certos casos o engano era completo. Um dia mugiu tão admiravelmente de vacca no quinteiro de Refuinho, que a velha fidalga veio á janella toda afflicta, ralhar com o moço, julgando que andava o gado solto. Ao dar com os olhos no Silveira, que n'esse instante estava mugindo com desolação para o céu, suppondo uma cria distante, reprehendeu-o:

— Fazer de boi! Isso é peccado. Não teme um castigo do céu? Os bois não teem alma — concluiu agastada.

O medico Pestana, concordando em que o recebedor não tinha alma, casqueou o caso dizendo que o *homem* mostrava grande geito para marido.

Porém a novidade da imitação do rouxinol, foi muito celebrada porque ninguem lhe conhecia a prenda. O medico emagrecia a olhos

vistos; pois que a morgada applaudia o Silveira. Este para melhor o aguilhoar exhibiu outras prendas já conhecidas: fingiu o trote de um cavallo que se approxima e relinhou com as ventas altas no momento da chegada; o canto do gallo ao amanhecer, batendo fortemente as azas, foi produzido com rara perfeição; o coachar das rãs em noites primaveraes, a chegada do cuco em maio, os patos em rebanho, o pardal, o melro, o perú... tudo foi representado. Já não havia, nem voltarete, nem bisca, nem ideias de quino. Tinham para duas horas. O medico passeava ao fundo da sala, somrumbatico e abatido. Frei Ignacio sempre brincalhão disse-lhe de longe:

— Deixe-se d'isso, doutor. Quel o vêr fazer de porco?

Todos desejaram e elle não se fez rogado.

Sahiu da sala, para logo entrar n'um silencio commovente. Vinha sorumbatico e sorna com um porco que recolhe. Uma creada chamou para a comida: "coxi, coxi, coxi," e logo o Silveira principiou a correr como um cevado cheio de fome, dando fortes grunhidos, gritos atroadores, até que foi para um canto sugar a sua lavagem com um *xou-xou* embrulhado e caracteristico. Por fim suppondo-se um porco perseguido por um cão, correu velozmente, ladrando e grunhindo ao mesmo tempo, e sahio precipitadamente pela porta, dando um encontrão no medico.

Todos riram escancaradamente. Frei Ignacio agachado a um canto, já não podia mais, e por fim escostou a barriga á parede com medo de uma colica. As meninas de Refuinho e da Torre Velha gargalhavam no regaço uma das outras. O desembargador Xavier sorria de longe com dignidade, olhando firme, com os seus olhos de oiro.

Um joven poeta, estudante em Coimbra, foi da opinião e disse-o claramente, que se aquelle phenomeno se exhibisse no *Palacio de Cristal*, haveria grande concorrência, porque era, em verdade, admiravel. D. Michaela, que applaudira até as lagrimas, perguntou ao academico:

— O senhor Penaguião nunca o viu fazer de gallinha e pôr ovo?!

— Nunca vi, senhora morgada...

— Então!... — concluiu com uma entonação que significava preço — nunca viu nada!

Todos se levantaram a pedir ao Silveira que exhibisse esta habilidade; porém elle sentado n'uma cadeira a limpar o suor do cachão não estava para isso. Sentia-se cançado, ficaria para outro dia, não podia ser tudo d'uma vez. A morgada, conhecendo o empenho dos seus convivas, disse mesmo sem se levantar:

— Ande, vá pôr. Quero que o sr. Penaguião veja.

Não hesitou um momento. Um raio de vingança triumphante despediu-se do seu fulvo olhar contra o medico, que ao vel-o prestar-se, sahio da sala. Porém isto, que todos julgaram um signal de covardia não era. Momentos depois o doutor tornou a entrar com semblante risonho e conformado.

Como era uma exhibição mais complexa, tomou cada um logar conveniente. As senhoras em cadeiras, em volta da sala, deixaram o canto livre para a postura que devia ser junto do piano. Os



Notas de Sport — Tiro aos pombos — Na Tapada da Ajuda

Sr.^{as}: baroneza de Recerta — D. Joanna Romero — madame Arouca
madame Villegas — e os srs. João Bregaro — barão de Arcia
Brava e Eduardo Romero, etc.

homens que se não poderam sentar, encostaram-se á entrada da porta e nos vãos das janellas. O medico, talvez para se mostrar generoso, aproveitou a primeira cadeira, perto do lugar da postura.

Pareceu um acto publico de conformidade e o proprio Silveira assim o entendeu. No meio d'um silencio valioso, depois de apenas duas cadeiras que deviam servir de poleiros casuaes, o recebe-

dor da comarca, com o chaile-manta pendente dos hombros, estava no meio da sala, olhando solememente em redor.

Começou primeiro um cacarejar avulso e sem grande significação. Andava em volta da sala, dando pulinhos, levantando a cabeça para ouvir melhor, e espanejava se ao sol. Depois continuou n'um passo grave e com um *cá cá cá* reflectido e de concentração. Passa-

NOTAS DE SPORT — A regata da "Taça Lisboa.,



Remadores do Club dos Aspirantes de Marinha:
Pedro Rosado — Elston Dias — João Capello — Jayme Pato

dos momentos, a voz levantou-se gradualmente mais vibrante, tinha gritos estridentes e estendia o pescoço. Andava com vivacidade, os pulinhos eram sacudidos e o corpo avolumava-se-lhe Jebaixo do chaile, quando afastava os cotovellos. Subiu a um dos poleiros e lá do alto fez *ca-ca-ra-có, ca-ca-ra-có* . . . como se fora uma sentinella gritando ás armas para afastar um inimigo possível. Mas de pois desceu para continuar o seu *ca-ca-ra cá* manso e natural andando n'um passo grave e seguro de que ninguem a viria perturbar. Mas de repente deu-lhe uma especie de furia, uma raiva e começou a correr e a gritar desesperadamente, muito arrastada pelo chão, significando a gallinha apertada por uma dór e com a necessidade urgente de expellir de si alguma coisa. Os gritos eram fortes e expressivos, as arremetidas para o lado do ninho insistentes, sempre com as azas a rasto, afastando-se do ninho para voltar depois mais precisada.

A situação ia-se tornando dramatica.

O interesse dos circumstantes era cada vez maior. Expressiam o sentimento de admiração que os possuia em frouxos de riso apa-



Taça Lisboa. — Remadores do Real Club Naval: — Carlos Penaguão
Rogerio de Almeida — Jorge Ferro — Xavier de Brito

nhados na mão e, muitos d'elles boquiabertos, diziam: "Ora! . . . Ora! . . ."

A morgada, que estava mais á vontade e não temia perturbar a representação observou:

— E' tal e qual a minha amarella. Uma coisa assim! . . .

Vendo-se applaudido por aquella a quem amava é que o Silveira foi sublime! Aproximou-se sornamente do canto da postura. Reconhecia-se-lhe na lentidão dos movimentos de parturiente, que se aproximava o momento supremo. Já ia arrastando o corpo, com a aza cahida, e com um *có-có-có* . . . guttural. Foi enfraquecendo a voz e os movimentos, andando em volta de si mesmo a procurar o geito já dentro do ninho. Depois acamou-se accorado, todo mettido debaixo do chaile cinzento, n'uma attitude de objecto bruto e informe que para alli estivesse arrumado.

Foi n'este momento que o medico se abaixou como se apanhasse alguma cousa. O Silveira não o percebeu, tão compenetrado estava das suas altas funcções de maternidade. Durante o minuto que elle assim se conservou trocaram-se apenas algumas observações em voz baixa. Mas por fim o recebedor sahi do ninho mostrando-se patentemente e engulindo em secco, como se viesse de um sonho. Começou a cacarejar com alegria e orgulho n'uma voz sonora e espantada: *Có-cá-rá ki, có-cá-rá ki* . . . Andava vistosamente espanejando-se, refrescando o corpo, na satisfação de quem cumprira um dever e se livrara de uma dificuldade. Esperta, vivaz, altiva, tudo era *Cá-cá-rá-cá, cá-cá-rá ki* para um lado e para outro. E n'uma reviravolta, quando dava a ultima visita saudosa ao ninho, o Silveira estacou de repente, empallideceu deixando de cantar, os braços cahiram lhe n'um abandono:

— Mas eu não fui! — pronunciou estupefacto.

O apparecimento imprevisto de dois ovos authenticos no logar da postura produziu uma gargalhada atterradora! Frei Ignacio, sempre larachista, tomou o recebedor pelos hombros perguntando-lhe:

— Então hoje isto foi a sério?!

Porém o medico, cheio da sua vingança dizia ao mesmo tempo a D. Michaela, em voz alta, de modo que todos ouvissem:

— Compre esta gallinha, senhora morgada, que lhe põe aos dois.

BENTO MORENO.



Taça Lisboa. — Remadores do Club Naval Madeirense:
Ricardo Del-Negro — Jorge Aldim
Candido da Silca e Joaquim Travassos Lopes}!

As Lombadas

Tal é o nome de uma serrania, toda em socalcos vulcanicos, na ilha de S. Miguel e de cujo topo — quinhentos metros de alto — se descortina um panorama soberbo. Demora esse sitio pittoresco a mais de duas leguas da graciosa villa da Ribeira Grande, e é d'esse ponto elevado e solitario que, noite e dia, jorra, a já celebre agua das Lombadas, á razão de dezoito mil litros por hora!

Durante seculos esse manancial correu em liberdade a perder-se nas ravinas d'aquella região encantada — um thesoiro perdido, como o de tantas aguas thermaes que abundam por toda a ilha. Um dia, porem, descobriram-se-lhe as propriedades e nos terrenos do par do reino Raposo do Amaral fizeram-se as primeiras experiencias. Desde então a agua das Lombadas vulgarizou-se rapidamente, desbancando todas as suas congengeres, e S. Miguel pode contar mais uma maravilha a enfileirar-se ao lado das Furnas e das Sete Cidades.

O Brasil-Portugal visitou já a região montanhosa da nascente. Hesitou primeiro, mas depois de fazer pezar a lymphá limpida, e de verificar que na sua composição entravam 0,054 de bicarbonatos de cal e soda, 0,023 de chloretos de potassio e sodio, 0,007 de peroxidos de ferro e manganez, 0,089 de silica, e 2,835 de acido carbonico livre (apre!), lançou fóra a hesitação e bebeu. Bebeu e curou-se de todos os achaques antigos, pondo de parte as aguas de Saint-Galmier e de Condillac, que, no dizer de Alfred Riche, da Academia de Medicina de Paris, e do perito analysta Charles Bardy, são in-

feriores ás das Lombadas — uma gloria para nós e para o paiz, que encerra tantas riquezas desconhecidas quasi lá fóra.

A Lombadas — rainha das aguas de meza — conserva indefinidamente, quando engarrafada, todas as suas qualidades naturaes. E' que ao seu engarrafamento presidem os mais rigorosos cuidados, pois que se faz por processos aperfeçoados, taes como machinas engenhosas, systema Boldt & Vogel, que não deixam escapar o acido carbonico, a riqueza primeira da agua.

Quantas canceiras desde que a agua é colhida até á partida para Lisboa a bordo dos vapores da Insulana! Do alto das Lombadas, sitio ermo e afastado das povoações vem as grades de garrafas a dorso por um caminho de cabras talhado n'um labyrintho de rochas e precipicios, n'um percurso de cinco kilometros, até á Ribeira, e de ahí descem em vehiculos pesados para Ponta Delgada, de onde seguem para o deposito da nossa Avenida da Liberdade, de que damos uma gravura. Outras gravuras reproduzem a nascente das aguas, o edificio actual de laboração, o armazem de Ponta Delgada, o engarrafamento e o transporte a dorso.

Aos leitores doentes e aos de fino paladar recommenda o *Brasil-Portugal* estes attestados que authenticam a pureza das aguas á venda.

Frederico Augusto Serpa, conductor principal das Obras Publicas encarregado do serviço da 5.ª Circumscricção dos Serviços Technicos da Industria no Districto de Ponta Delgada.

Attesto que as aguas mineraes denominadas das Lombadas, e

exploradas pela firma Meyrelles & C.ª de Lisboa, são colhidas e engarrafadas no proprio local da nascente de fórma porque brotam, sem introdução artificial de qualquer parcella de acido carbonico, como por diferentes vezes tenho presenciado. E por me ser pedido e ser verdade passei o presente que escrevo e aseigno.

2 de Março de 1904.

F. A. Serpa.



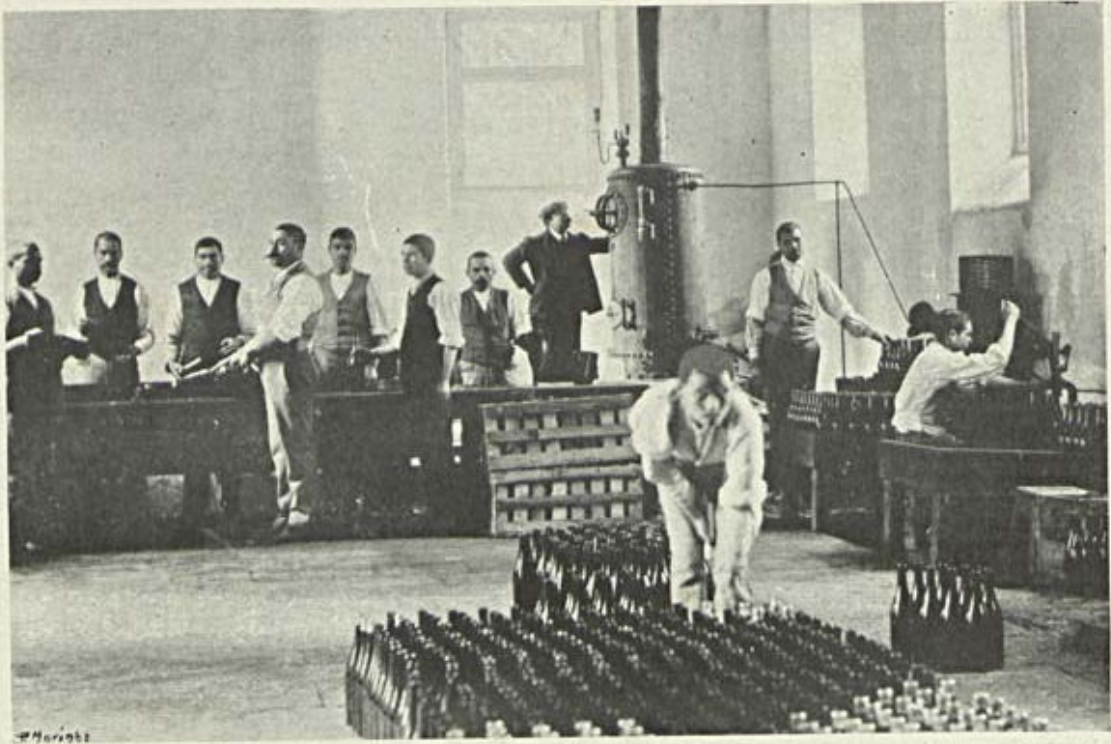
Valle das Lombadas — Edificio primitivo da laboração na nascente



Edificio actual na nascente das aguas



Armazem e deposito em Ponta Delgada



Engarraamento das aguas das Lombadas

W. W. Nichols, v. consul dos E. U. da America em S. Miguel.

Attesto que as aguas das Lombadas são engarrafadas no seu estado natural no sitio onde nascem, sem introdução ou auxilio de acido carbonico, nem substancia alguma extranha ás mesmas aguas. E por ser verdade e me ser pedido passo o presente n'este v. consulado aos 7 de março de 1904.

W. W. Nichols

vice-consul

José d'Azevedo, vice-consul dos Estados Unidos do Brasil em S. Miguel, Açores:

Confirmo que as Aguas das Lombadas, são engarrafadas no seu estado natural no sitio onde nascem, sem introdução ou auxilio de acido carbonico, nem substancia alguma extranha ás mesmas aguas.

E por ser verdade e me ser pedido passo o presente n'este vice-consulado dos Estados Unidos do Brasil, em S. Miguel — Açores, aos 9 de Março de 1904.

Logar das armas do Consulado.

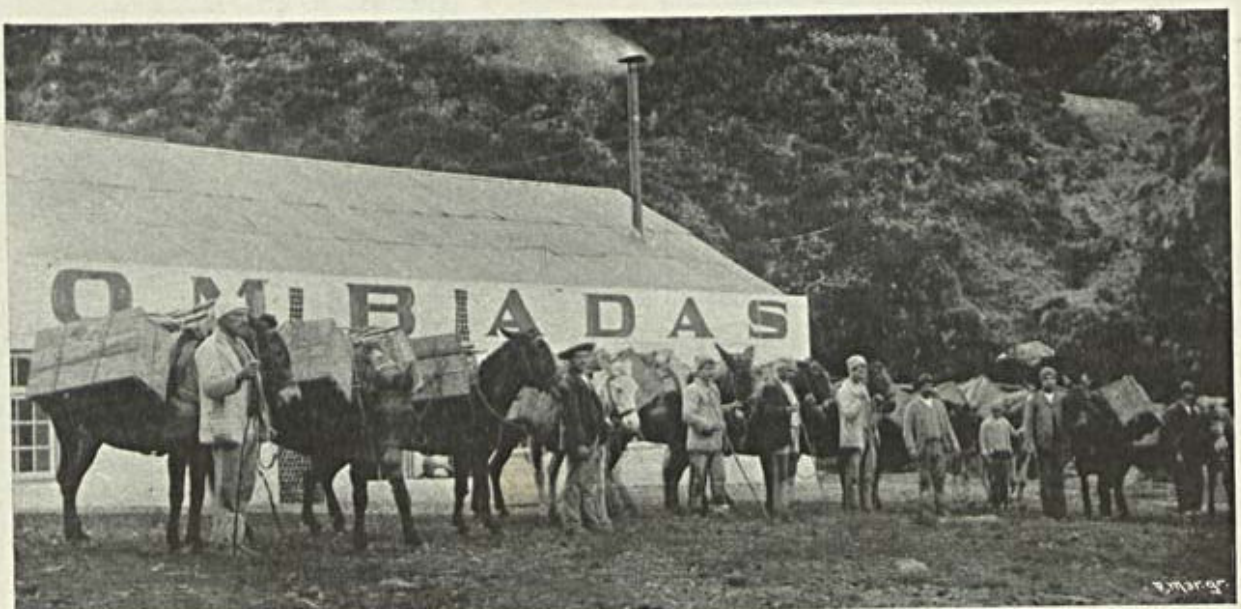
(a) José d'Azevedo

vice-consul

E não nos agradecem os leitores o serviço que lhes prestamos.



Deposito em Lisboa, na Avenida



Transporte de caixas entre o Valle das Lombadas e a Ribeira Grande